

ANC 08 JUN 1964
p2

Marcos Augusto Gonçalves

Terra em transe

Estive na vitrea novacap para acompanhar a votação do mandato do presidente Sarney. Brasília: num primeiro olhar, utopia de Primeiro Mundo; num segundo, cidade do interior com design. Meus olhos filmam.

Alvorada glauberiana em "Idade da Terra". "Travelling" na esplanada dos ministérios. Dominós de mármore, curvas e ângulos, a cruz kitsch no topo da catedral kitsch. O Teatro Nacional e o teatro da política nacional. O táxi pára. Câmara dos deputados, Congresso constituinte.

O circo está armado. O Brasil oficial. Todos sabem o que vai acontecer, mas o jogo promete se arrastar. E se arrasta. Convocada para o grande dia, a maioria sempre ausente boceja em seu melancólico desinteresse. Coronéis, janotas, janotinhas. Deputados e filhos de deputados, senadores e filhos de senadores. Assessoras de batom. Cromos da brasilidade oficialisca. Lêem jornal. Exibem anéis. Relógios musculosos. Lamentam a morosidade da sessão. Alguns mais irritadiços manifestam abertamente o desagrado com a obstrução promovida pelos "comunas". Pensei que a palavra não existisse mais. Com os olhos mais calmos, meus ouvidos descobrem que não andam um metro sem ouvir sotaques do norte.

Novato em incursões palacianas, sinto-me num mundo de irrealidades. Não acredito que aquilo funcione assim. Encontro Boris Casoy, mais experiente. "Daqui a pouco você acostuma". Junto-me à turba da imprensa. Entendo rapidamente a "promiscuidade com o poder" de que falou certa vez o secretário de Redação da Folha, Matinas Suzuki Jr. Mas não há saída. "Estamos numa casa parlamentar, numa casa de negociação", brada um parlamentar. Sábias palavras.

Boris tinha razão. Fui-me acostumando, pela via do cinismo. O cinismo é a atitude básica para quem pretenda ou se veja obrigado a lidar com aquilo. Mas ainda assim a mediocridade generalizada, a desfaçatez sorridente, a indignação farsesca não convidam ao bem-estar. Em ritmo lentíssimo as votações vão se sucedendo. Repasso os olhos pelo texto das Disposições Transitórias aprovado pelo Centrão. É um completo acinte. Sou informado de que diversos paladinos do liberalismo e outros tantos defensores do controle austero do déficit público concordaram com a coleção de absurdos ali fixada. Roberto Campos, Delfim Netto. A política é o fim.

Círculo pelos corredores. Cafezinho. Matheus Iensen, fantasiado de Sarney, dá entrevistas. Lobão come estrogonofe no restaurante do Senado. Paulo Brosard tira o chapéu e abre seu sorriso embotado. Roberto Cardoso Alves fala alto com sua bengala. Abraços, acenos, cumprimentos. São os donos do osso, uns de um lado, outros de outro. Banana Republic.

Chega o momento da votação. Claque gritam das galerias. Tumulto. Aprovados os cinco anos. Gritaria, vaias, palmas. Uísque no Planalto. Terra em transe.

Volto à redação. Um amigo pergunta se gostei de ter participado da cobertura. No gênero ainda prefiro o Carnaval.

Hoje, excepcionalmente, deixamos de publicar o artigo de Luis Inacio Lula da Silva, que escreve às segundas-feiras nesta coluna.